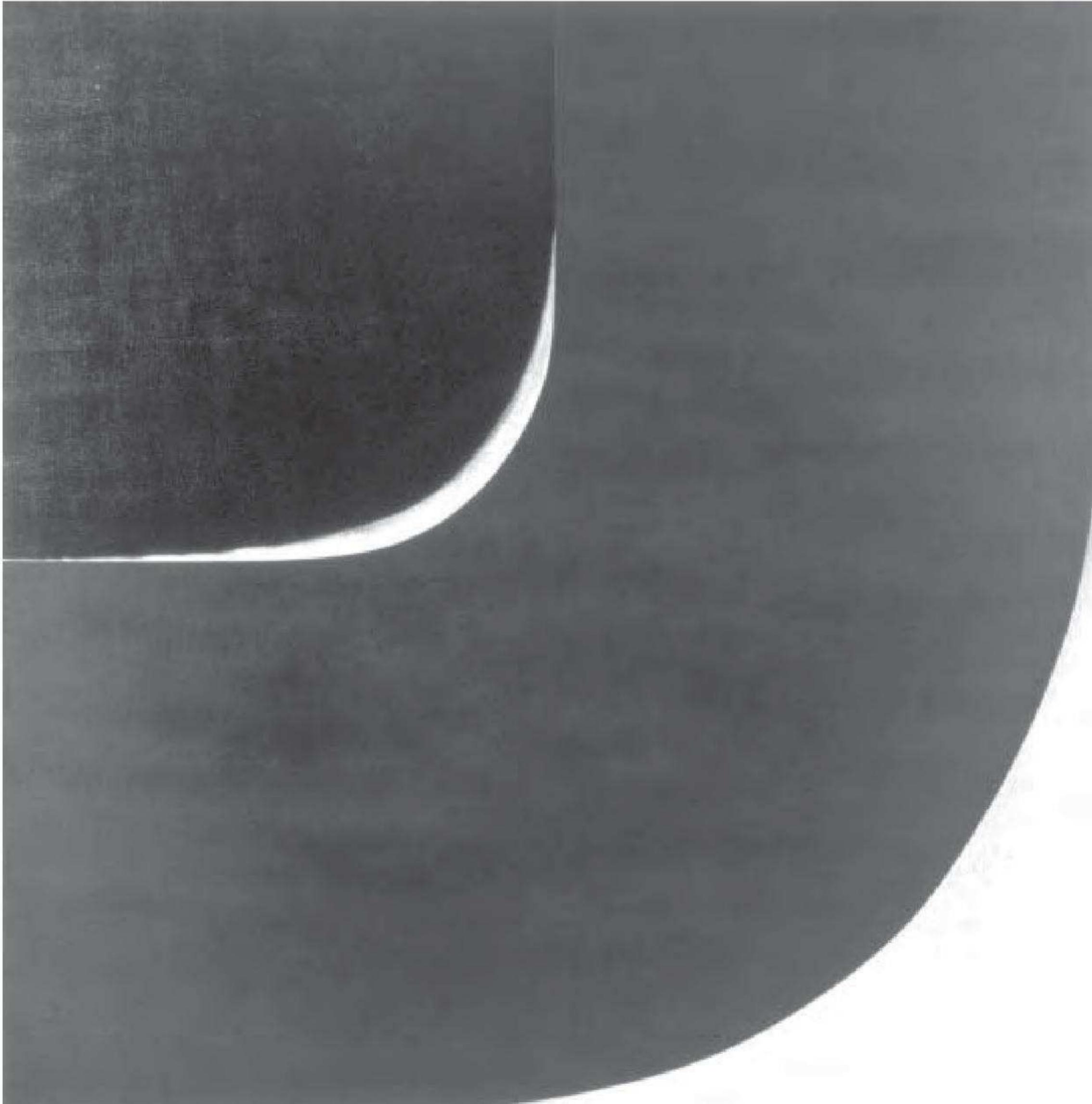


Tomie Ohtake. Sem título, óleo s/ tela,
150 x 150 cm, 1980



Tomie Ohtake e a trama espiritual da arte brasileira

Ricardo Chen*

Em novembro do ano passado, com o intento de comemorar os 90 anos da artista e os dois anos de funcionamento do empreendimento, o Instituto organizou a exposição Tomie Ohtake e a trama espiritual da arte brasileira.

Com curadoria do crítico de arte e atual diretor do Museu Nacional de Belas Artes Paulo Herkenhoff, o evento cumpriu sua temporada em São Paulo, no Instituto, e agora se encontra no Rio de Janeiro, adaptado ao espaço do MNBA.

O curador Herkenhoff, adotando estilo muito contemporâneo, evitou a apresentação cronológica da trajetória de Ohtake e partiu para um projeto de curadoria mais arrojado. Com isso também atendeu ao desejo da artista, que por sua vez queria evitar o tom de retrospectiva de carreiras encerradas.

A proposta da curadoria foi reunir e confrontar 41 obras de Tomie Ohtake com as de 45 artistas brasileiros de períodos diversos, num total de 150 obras, buscando estabelecer entre elas relações comuns com aspectos da espiritualidade brasileira.

Por meio de um recurso como esse, busca-se deslocar a atenção da figura do artista, das contingências da biografia, para as obras, considerando-as em seus aspectos plásticos independente de considerações de ordem histórica. Essa é uma das possibilidades de leitura de obras de arte, que tem suas vantagens e desvantagens, como outra qualquer.

Na tentativa de definir melhor o aspecto de uma espiritualidade brasileira e estabelecer relações entre as obras, Herkenhoff criou sete módulos temáticos com nomes enigmáticos com os quais ele se refere a "barroco, a metafísica no moderno, o Zen, tradições populares, cosmogonia indígenas ou africanas e esculturas religiosas sob ângulos da trama espiritual brasileira".

Apesar de a proposta ser interessante, a montagem da exposição não me agradou. A começar pela má iluminação das obras, principalmente na sala Dobras da Alma, dedicada a relações com o barroco.

Nessa sala, a cenografia, na busca de um efeito extravagante de iluminação, contrastando a escuridão total com pontos de luz forte direcionada, acabou impedindo a boa visibilidade das obras e dificultando a circulação do público, ofuscado pela escuridão.

* Ricardo Chen é aluno do Curso de Licenciatura em Educação Artística com habilitação em História da Arte da UERJ. Teve bolsa de monitoria em História da Arte Moderna e Contemporânea em 2003.

Nas demais salas a iluminação também era muito desagradável por ser, na maioria das vezes, excessiva na intensidade e quase sempre mal posicionada em relação às obras.

O encadeamento dos módulos também pareceu-me, desde a primeira visita, bastante confuso, com muitas divisões descontínuas (o que em parte se deve à planta do museu) e grandes variações de ambientes, o que poderia ter sido corrigido num projeto cenográfico.

Em alguns espaços do museu, como nas duas galerias em que estava dividido o módulo Estética da Vida e na galeria de ligação entre elas, que exibia esculturas de Tomie Ohtake, havia excessiva interferência das obras do acervo do museu.

Tinha-se facilmente a impressão de superposição, na adaptação da exposição ao espaço repleto de obras do acervo permanente do museu, que nada tinham a ver com a proposta do módulo em questão.

O choque era maior ainda pelo contraste com a mencionada cenografia da Dobras da Alma, que servia de entrada para a exposição da artista. Ao sair de uma primeira sala, transfigurada pelos recursos da cenografia e iluminação, logo o espectador encontra-se abandonado a um caos de ambientes mal improvisados, compartimentados, sem unidade.

Outro item que deixou a desejar diz respeito aos textos. Foi decepcionante constatar que uma curadoria de proposta tão audaz não se fez acompanhar de textos que buscassem realmente aproximar os visitantes do entendimento de suas motivações. Quem sabe comprando o catálogo e lendo seus textos poderíamos nos orientar melhor...

Assim como os títulos dos módulos, os textos pareceram-me, em alguns momentos, ter por objetivo rebuscar e codizar a informação, afastando-a do leitor, por abusar de um eruditismo presunçoso e, a meu ver, absolutamente desnecessário.

Não me agradaram, no conjunto, nem curadoria, nem montagem. Devo, contudo, admitir que a ida à exposição ainda assim foi válida pelas obras de Tomie Ohtake e por algumas poucas de outros artistas. Assim o foi com as de Nelson Felix, Guignard, Tarsila do Amaral e Pierre Verger.

Mas a grande recompensa foi mesmo os trabalhos de Tomie Ohtake. As esculturas presentes, assim como as maquetes de obras públicas, remetem e enfatizam o poder da linha e da memória do gesto caligráfico que perpassa sua obra desde as pinturas da década de 1950.

A sutileza na composição, a economia de meios, o domínio da superficialidade da pintura, a habilidade na proposição de jogos perceptivos, a memória da disciplina *zen* no gesto e na pincelada, o domínio na interferência e na sugestão dos espaços, tudo isso sempre equilibrando vigor e suavidade de uma forma muito singular, é o que,

com predisposição e serenidade, podemos experimentar nas melhores obras de Tomie Ohtake em exposição.

Tomie Ohtake é um dos nomes mais representativos das artes plásticas no Brasil da segunda metade do século 20. Nascida em Kyoto (Japão), emigrou para o Brasil com 23 anos em 1936, instalando-se em São Paulo, onde vive até hoje.

No Japão ela teve aulas de artes e desenvolveu o desenho, porém, a partir de 1937, abdicou de suas pretensões artísticas para se dedicar à família – à criação dos filhos e ao ofício de dona-de-casa.

É em 1952 que, sob o impacto da obra do pintor japonês Keiya Sugano, ensaia os primeiros passos de uma bem-sucedida carreira de artista plástica, tendo-o como seu primeiro mestre orientador.

Na década de 1950, sua presença passa a ter destaque ao lado de novos artistas das diferentes tendências abstratas que estavam se configurando no panorama brasileiro.

Esteve então junto com os artistas da vertente informal, boa parte de seus integrantes de origem japonesa, o que indicava a existência de um elo com a tradição gestual e signica da pintura nipônica.

Essa fase de seu trabalho está marcada por questões fundamentais para os futuros desdobramentos da produção artística do Brasil, surgidas a partir da polêmica entre as correntes abstracionistas.

Os anos 60 foram decisivos para seu amadurecimento como artista. É também no fim dessa década que se inicia na gravura e, em 1968, se naturaliza brasileira.

Nas últimas décadas, Tomie Ohtake vem desenvolvendo sua obra acompanhando a expansão da arte contemporânea sobre diversas mídias.

Ao longo deste tempo, a artista realizou também muitas obras públicas, pelas quais recebeu inúmeros prêmios significativos.

Em 2002, inaugurou em São Paulo o Instituto Cultural Tomie Ohtake, projetado e coordenado por seus filhos Ruy e Ricardo Ohtake, respectivamente.